



LOS TOROS

recinto de que é senhor e para o qual faz conduzir os seus bois. Os aficionados, antes da toirada, ali veem inspecionar o gado.



Impressionada com a scena dolorosa que acabára de presenciar, foi com relutancia que mudei de vestido, e, de novo, subi para a carruagem... Atravessamos Sevilha aos gritos dos rapazes dos jornais que apregoavam «Maria Isabel, la princeza del pueblo» e vendiam periodicos, relatando os minimos incidentes da morte de S. A. Real a condessa de Paris, cujo retrato a cavalo, com a jáléca e o «sombbrero» andaluz vinha estampado na primeira pagina...

A carruagem passava agora perto do palacio de Santelmo, aonde Maria Isabel vivêra a sua meninice. O aroma inebriante das laranjeiras bravas adormecia-me o pensar... O sol quente da Andaluzia dardejava a prumo sobre o navio, surto ali, no Guadalquivir, e que levaria, no dia seguinte, para as terras do exilio, Maria Isabel, «la princesa del pueblo», Maria Isabel, a filha de Maria Luiza, infanta d'Espanha, duqueza de Montpensier, Maria Isabel, a condessa de Paris, que eu, pela primeira vez na minha vida, vira, em Maio de 1886, sentada no coche D. João V, tendo ao lado radiosa de mocidade e candura, radiosa de felicidade e amor, a sua linda filha, a princeza Maria Amelia, que nesse dia de 22 de Maio de 1886 desposára o nosso principe D. Carlos, e a quem eu, havia poucas horas, entre soluços, beijára a mão.

Na estação de Sevilha, viêra de Londres «como uma carta» para colher um ultimo beijo materno, mas em vão... Nas Delicias o cheiro penêtrante das rosas era forte demais para o meu cérebro atormentado por mil e uma recordações.

...Mas o trem pára: estamos em Rabladilla... Ao fundo do extenso parque das Delicias junto á «Venta Erithania» (que todo o meu compatriota que vai a Sevilha bem conhece) ha uma larga extensão de campo, circundada por uma larguissima vala e dividida, por estacas, em talhões, tendo a um lado um palanque: isto é Rabladilla. Na vespera da tourada o curro a pé, precedido das chócas e campinos, entra em Rabladilla aonde cada «ganadero» tem o seu

Pepe Palha, o nosso grande amigo, foi quem nos recebeu. Subimos ao palanque. Dali a pouco, numa nuvem de poeira que o sol polvilhava de mil luzes aparecem alguns cavaleiros no trajo tipico dos senhores da região. No meio deles, loura, rosada esbelta, com a sua jáléca e o seu «sombbrero», a cinta cõr de rubi, a alva camisa encanudada, intépida amazona, em galope desenfreado, seguida da manada escura das rézes, surge a Madalena! ... Fechei os olhos, instintivamente, receando

ponte e a estrada segue, por entre aquele mar de verdura ondulante ao vento, em que serpenteia, escondendo-se, o Guadalquivir, é que se chama «a terra de Maria Santissima».

Era meio dia: o sol queimava, o ceu era dum azul tão transparente que a atmosfera parecia um mimbo de gloria a poisar sobre o chão... Junto a uma fonte uns pastores, com as suas ovelhas de vélos castanhos e flocinhos cõr de sépia, punham nósos na paisagem extensa, uniforme d'uma imensidade oceanica, a que o sol intensissimo dava o aspecto dum lago de ouro. Ao longe começa a despontar um ponto negro, uma torre. E' «El Cortijo de Cuarto».

O campo, agora, dos dois ados da estrada é um mar imenso de flores roxas, dum rôxo de violeta de Parma... aqui ou acolá, por entre a relva lilaz, emergem cabeças de toiros.

...A Madalena que entre D. Antonio e D. José vinha, (ambos em trajes andaluzes, a garrocha debaixo do braço), é o guia da caravana, deixa a estrada lisa e mete pela campina adentro... Um solavanco: estamos no atalho. O «landau» segue vagarosamente entre aquelas flores rôxas que veem ter ás nossas mãos...

De repente, do mar de violeta, junto a nós, levantam-se duas hastes escuras, um flocinho branco manchado de negro: é o touro... Uns arames apenas nos separam dele...

A fêra alteou a cabeça com um gesto nobre, o olhar luzente fixo sobre nós; depois aspirou o ar e, lentamente, orgulhosamente, dobrou as mãos

e ageitou-se sobre a terra, calcando as rôxas flores, a cabeça sempre erguida... Subimos um pedaço de encosta rude: estamos no «cortijo»... Ao longe Sevilha a moura, Sevilha a grande, Sevilha a rubra, repousa na luz estonteante daquele dia de primavera...

...Acima do «cortijo», na relva colorida, largaram um garraiosito de alourada cõr com olhos doces. Madalena e os Miuras tentam derrubal-o...



Portel do Palácio de Santelmo em Sevilha

um desastre, mas as palmas frenéticas dos espanhóis, aclamando «la portuguesita» que enirára lindamente, fizeram-mos abrir de novo...

Momentos depois, uns a cavalo, outros de trem, seguiamos todos para «El Cortijo de Cuarto» propriedade dos Miuras onde iamoss assistir á «derriba ou tenta por acoso» que, por intermedio de Pepe Palha, nos fõra proporcionada.

Logo ao saír de Rabladilla, passa-se uma

São corridas loucas, pela campina para atingir, com a «púa», o animal e põ-lo as quatro patas para o ar... Se ele se fica «no trene sangue», se arremete, é bom para a lide...

Durante o espectáculo criados fardados seivem aos convidados «manzanilla» e «aceitunas».

Findou o espectáculo. Ofegante e rubra, a nossa amazona lamenta não ter sido tão feliz na «derriba» como o era a duquesa d'Alba. E alguém lembra, então, que a condessa de Paris era eminente neste género de «sport»...

Depois dos ardores do sol, soube-nos bem entrar na sala de jantar do «cortijo». O chão é de tijolo, nas paredes caídas estão postos os cartazes das corridas em que as rezes da «ganaderia» mostraram a sua braveza. Pela única janela de grades vê-se, ao longe, a Giralda. A meza está toda enfeitada a papoilas e malmequeres postos em vasos de faiança azul e branca, d'aquela faiança de que Santa Justa e Santa Rufina, as padroeiras de Sevilha, deixaram o segredo... Sentámo-nos. Vieram os camarões monstros, a sopa de pão, especie de gaspacho andaluz, o guisado de borrego, feito pelo pastor, mil e uma iguarias da região, sem exceptuar as gemas de S. Leandro e os bonbons de Cérécé, favoritos de Afonso XIII. Os nossos anfitriões, para cúmulo de gentilezas, não esqueceram os cantores regionais. Vieram eles dar á festa a nota típica. Na penumbra da sala fresca, calaram-se as conversações, apenas se sentia o zumbir das moscas... silenciosamente, a crea-

dagem desaparecera... Sobre as hastes, as papoilas pendiam a cabeça. Por entre a «réja» avistavamos a paisagem, e até nós vinha o sussurro da brisa na herva a ondular... Enlevou-nos aquela voz dolente, cuja efeminação, a princípio, nos causara estranheza, mas cujo trinar tem um sabor arcaico e local que intensamente nos comoveu...

Entardecia... «A los toros! a los toros!» Partem todos. Refazemos o mesmo caminho debaixo d'um sol ainda ardente. Nas Delicias as sombras já são mais intensas e os passeantes mais numerosos. O perfume das rosas, d'aquela aluvião de rosas, penetra até á alma...

II

Estamos á porta da «Maeestranza» a velha praça de gloriosas tradições. Milhares de pessoas se apinham nas entradas... alguns ricos «mantons», lindíssimas mantilhas que altas «peinétas» alevantam, como nos quadros de Goya.

Gritos de água fresca e limonada: o as-



pecto das nossas praças em dias de touradas de Casimiro. Belmonte estava no programma. Sai o primeiro bicho. Logo me fez falta a arte graciosa da lide a cavalo. O animal, velho, de muito pé, rasga as entranhas dum cavalo, logo á primeira investida. Jorra o sangue e a imundície. E outro, e outro; os passes de capa, o meter das farpas não fazem esquecer o aspecto repugnante das entranhas que um desgraçado rocinante traz penduradas, ao sol. No entanto o publico exulta. Vem Belmonte, o matador. Traz a espada e a muleta. Passa um frémito na assembleia. Belmontistas e gallistas preparam-se, uns, para aplaudir, outros para patear. O matador não é feliz: só á quarta vez é que consegue meter a espada no sitio mortal: o touro estaca. Pelos seus olhos passa um clarão vitreo, escarva a terra; lentamente, com dignidade, reclinase no chão e morre... Entre palmas e apitos aclamam o matador, quatro mulas com guizos veem buscar os animais mortos e a scena recomeça. Sangue e sangue, entranhas e entranhas, dór e dór empanam, para mim os gestos de arte, o luzido dos costumes, o brilho do scenario... Sai da praça como pensára que saíria: nada aficionada ao toureio espanhol... O olhar turvo do touro confrangia-me ainda o coração...

E, por entre a relva ondulante, por entre o mar lilaz, revia a cabeça altiva daquele nobre animal que, pela manhã, ao sol quente, na campina andaluza, me seguira com a vista.

CONDESSA DE VINHÓ E ALMEDINA

O grande poeta Gomes Leal faz a sua biografia ao A B C



O retrato de Gomes Leal expressamente tirado para o A B C

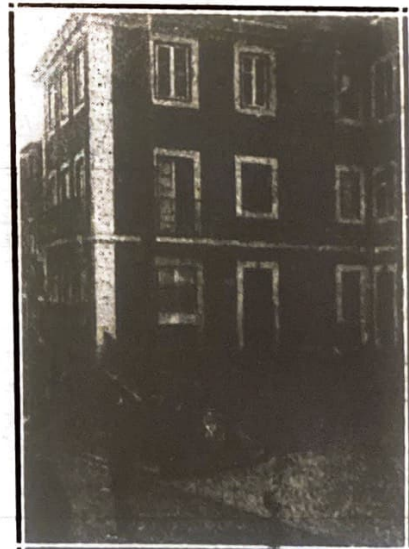
Gomes Leal, o poeta ilustre, que é uma gloria nacional, quiz dar ao A B C uma impressão da sua vida, da sua acção, das suas lutas. Em vez duma entrevista foram aos seus versos lapidares que chegaram a explicar como se passou uma infância, uma mocidade e como a velhice chegou com as suas dores a tocar essa cabeça coroadada de louros. Só Gomes Leal poderia definir o que A B C desejava saber: a vida do primeiro poeta portuguez.

Outr'ora, outr'ora, em épocas passadas,
tive uma santa Mãe de ideais maneiras,
um recto Pai de barbas prateadas,
tive predios, jardins, fontes, roseiras.

Nos collegios, nas aulas, nas bancadas,
não quebrei bancos, não parti carteiras;
fiz bons exames, contas, taboadas,
mais tarde ameí patricias feiticeiras

Fui muito amigo do Eça e do Ramalho,
João de Deus, mais do excentrico Fialho,
E tive que emigrar para o estrangeiro.

Chorei, gemi qual Dante nas estradas!
E ao regressar, por causas avançadas,
— fui por trez vezes parar ao hinoeiro.



A residencia do poeta Gomes Leal na rua do Telhal, n.º 32